
**O ódio como meio de sobrevivência em
O apocalipse dos trabalhadores,
de Valter Hugo Mãe**

*Hate as a means of survival in The apocalypse of workers,
by Valter Hugo Mãe*

Adriana Girão Campiti Braga
Universidade Federal Fluminense

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n56a1431>

RESUMO

Em *O apocalipse dos trabalhadores*, obra de Valter Hugo Mãe, publicada em 2008, apesar de as mulheres-a-dias Maria da Graça e Quitéria serem as protagonistas, o comportamento do imigrante ucraniano Andriy provoca, desde o início, grande impacto no leitor. Deslocado de sua terra natal, em razão da pobreza imposta pelos conflitos políticos e pela crise humanitária deles decorrente, Andriy migra para Portugal, mais especificamente para Bragança, que é uma cidade de fronteira pertencente à antiga província Trás-os-Montes e Alto Douro. Esse fluxo migratório de eslavos (ucranianos, russos e búlgaros), intensificado a partir do ano 2000, tem, como objetivo principal, a sobrevivência, que se dá, sofrivelmente, por intermédio do trabalho na construção civil e na agricultura, setores que assimilam essa mão de obra barata. Andriy, um jovem de apenas 23 anos, precisa sobreviver sozinho, longe de sua família, para a qual ainda tem de enviar dinheiro, em um país estrangeiro, com uma língua que desconhece completamente. Para enfrentar esses desafios, impõe-se as maiores privações, despessoaliza-se, torna-se um sujeito maquínico (conforme teorização de Bachelard) ou uma espécie de dispositivo (como se aprende com Foucault e com Agamben) sem sentimentos. Andriy res-

ponde às humilhações, a princípio, com o ódio (o que, segundo Freud e Kristeva, é muito comum), como forma de repúdio àquela sociedade que o subjuga de todas as maneiras, mas, ao final, prevalece o humano, e, pela intervenção do amor de Quitéria, Andriy reencontra-se com sua subjetividade e com o que nela comparece como afeto.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração; Sobrevivência; Ódio; Subjetividade; Afeto.

ABSTRACT

In Valter Hugo Mãe's 2008 novel *O apocalipse dos trabalhadores* (The Apocalypse of Workers), although the protagonists are the cleaning ladies Maria da Graça and Quitéria, the behavior of Ukrainian immigrant Andriy has a profound impact on the reader from the outset. Displaced from his homeland due to poverty caused by political conflicts and the resulting humanitarian crisis, Andriy migrates to Portugal, more specifically to Bragança, a border town belonging to the former province of Trás-os-Montes and Alto Douro. This migratory flow of Slavs (Ukrainians, Russians, and Bulgarians), which intensified after 2000, has survival as its main objective, which is achieved, with difficulty, through work in construction and agriculture, sectors that assimilate this cheap labor. Andriy, a young man of only 23, has to survive alone, far from his family, to whom he still has to send money, in a foreign country, with a language he does not know at all. To face these challenges, he imposes the greatest privations on himself, depersonalizes himself, becomes a mechanical subject (according to Bachelard's theory) or a kind of device (as we learn from Foucault and Agamben) without feelings. Andriy responds to humiliation, at first, with hatred (which, according to Freud and Kristeva, is very common), as a form of repudiation of the society that subjugates him in every way, but in the end, humanity prevails, and through the intervention of Quitéria's love, Andriy rediscovers his subjectivity and what appears in it as affection.

KEYWORDS: Immigration; Survival; Hatred; Subjectivity; Affection.

A Embaixada da Ucrânia na República Portuguesa divulgou, em 2021, informações sobre a comunidade ucraniana em Portugal¹, desde dados populacionais até uma lista de monumentos culturais inaugurados. Segundo a publicação, Portugal é o país da União Europeia cuja legislação sobre imigrantes era considerada a menos rigorosa, devido à necessidade de mão de obra, principalmente em certas áreas, como a construção civil e o setor de serviços, em geral. Apesar de, mais recentemente, em 2025, o Parlamento ter feito alterações na Lei dos Estrangeiros de Portugal², o que tornou os processos de entrada, de permanência e de residência de cidadãos não europeus mais rígidos, Portugal destacou-se, ao longo das últimas décadas, no cenário internacional, por suas políticas de abertura migratória.

A imigração mais acentuada para Portugal e, inclusive, para outros países europeus, como Alemanha, Espanha, França e Itália, é recente e pode ser identificada em termos numéricos, de maneira mais expressiva, na passagem para o século XXI, em decorrência de diversos fatores sociais, políticos e, sobretudo, econômicos. O deslocamento para o país estrangeiro, em geral, é motivado pela promessa de melhores condições de vida, o que, na realidade, nem sempre se concretiza.

No caso de Portugal, se, na década de 1980, o número de estrangeiros correspondia a menos de 1% da população total residente no país, o que, nas décadas seguintes, não se mostrou tão diferente, já que, no final de 1990, esse número subiu apenas para 2% da população do país, a partir de 2000, essa situação passa a ser muito distinta. É possível observar, também, uma mudança significativa na origem desses imigrantes, os quais eram, outrora, basicamente oriundos do

¹ Ver Embaixada da Ucrânia na República Portuguesa (2026).

² Segundo matéria de Almeida (2025).

Brasil e dos países africanos de língua oficial portuguesa, mas que, a partir de 2000, passam a vir do leste europeu, de países como Romênia, Rússia, Moldávia e, principalmente, Ucrânia.

No primeiro caso, a língua e as antigas relações culturais e históricas podem ser apontadas como facilitadores nesse processo de deslocamento para o país estrangeiro, mas, no caso dos imigrantes provenientes do leste europeu, as motivações centravam-se na crise econômica deflagrada pelos conflitos políticos vigentes em seus países e na crescente oferta de trabalho, especialmente no setor da construção civil e de obras públicas, que marcaram o Portugal da transição do século XX para este milênio:

fui ver as obras, dizia, estão cada vez mais cheias de homens de leste, desesperados e dispostos a carregar com os camiões aos ombros para sobreviverem. os de leste, continuava ele, são uns resistentes que nos hão-de lixar a vida a todos. porque são mais esperotos, mais fortes e estão desesperados (Mãe, 2017, p. 24).

Valter Hugo Mãe publica *O apocalipse dos trabalhadores* em 2008, período em que estão ocorrendo todas essas transformações em seu país e no mundo; é natural, portanto, que essa nova configuração das sociedades suscite uma reflexão, antes de tudo, sobre as relações humanas, mas também sobre como Portugal estava lidando com essas mudanças.

Dotado de evidentes preocupações humanistas, o autor adota o uso de letras minúsculas³ em todos os nomes próprios no roman-

³ Apesar de Valter Hugo Mãe ainda adotar as iniciais minúsculas em *O apocalipse dos trabalhadores* – estratégia que abandona nos romances seguintes, devido ao fato de ter-se incomodado por estar a ficar por isso estigmatizado, conforme comenta na entrevista concedida ao programa Roda Viva –, adotaremos, por ser

ce, para mostrar que, num mundo em que prevalecessem condições de igualdade, não seria necessário distinguir com maiúsculas nem as pessoas nem os lugares. Sua crítica, nesse sentido, também pode ser interpretada como um meio de representar como a sociedade, de um modo geral, enxerga os trabalhadores braçais, portugueses ou imigrantes. A pouca importância atribuída às mulheres-a-dias, como Maria da Graça e Quitéria, ou aos imigrantes trabalhadores nas obras, como Andriy e Mikhalkov, seria evidenciada também por esse emprego das letras minúsculas, o que, possivelmente, teria de ser acompanhado pelo contraponto das maiúsculas no nome do senhor Ferreira, bem como nos dos outros patrões, mas apenas isso excluiria o idealismo de uma sociedade composta por pessoas que tivessem cada qual a sua importância.

A escolha da cidade de Bragança para encenar essa recepção de imigrantes pode ser apontada como parte dessa crítica do autor a um país ainda muito conservador e pouco preparado para assimilar o estrangeiro. Em 2003, ocorreu, na referida cidade, o episódio que ficou conhecido como “Mães de Bragança”, movimento de mulheres portuguesas, o qual tinha a finalidade de expulsar cerca de 300 supostas prostitutas brasileiras de Bragança⁴. O caso chegou a ser capa da revista *Time*, com o título “*Europe’s new red light district*”. Esse acontecimento teria surpreendido pelo fato de a cidade de Bragança, devido à proximidade com a Espanha, ser considerada mais afeita à modernidade e, portanto, menos limitada pelo conservadorismo.

De maneira mais sutil – como evidenciado pela escolha da cidade de Bragança – ou mais contundente, como em diversos momentos

mais prático apenas, as iniciais maiúsculas tanto nos nomes próprios quanto nos inícios de períodos e de parágrafos que venham a ser citados neste trabalho.

⁴ Fidalgo (2003).

no romance, Valter Hugo Mãe registra sua insatisfação com o modo como Portugal lida com essa relação com o imigrante. Em algumas de suas entrevistas, ele deixa claro que não considera o português preparado para permitir que o imigrante ucraniano, por exemplo, saia rico de Portugal, e esse seria o caráter perverso dessa relação, pois, se, por um lado, precisa desse imigrante para realizar serviços que os próprios portugueses já não estão dispostos a fazer, por outro, querem pagar o mínimo por isso. Nesse sentido, Mãe ressalta que, por mais distância que o Sasha e a Ekaterina tenham de Portugal, o sentimento que eles experimentam é o mesmo dos portugueses quando seus filhos vão para a França, o Canadá, a Noruega, em busca de melhores condições de vida. Isso significa que, para o autor, não é o fato de ter vindo do leste europeu que deveria tornar o imigrante inferior ao português, e essa é, para ele, uma percepção que precisa mudar.

Diversos outros momentos em que a crítica ao seu país se torna evidente podem ser apontados, como na percepção do próprio Andriy sobre as possíveis vantagens de ter imigrado para Portugal:

o andriy já havia pensado que o melhor de ter entrado em Portugal estaria nessa transgressão fácil das alianças nacionais, para se colocar acima das convenções sociais que, para ele, não precisariam de significar nada. era dizer que as mulheres lhe apareciam como iguais, sem vínculos a outros homens, apenas estariam diante dele como um corpo a usar (Mãe, 2017, p. 58-59).

Ou na perspectiva sobre o comportamento do próprio português, para quem o trabalho braçal sempre fora considerado pouco nobre e, por isso mesmo, destinado à “arraia-miúda”, personificada, na contemporaneidade, em grande medida, pelo imigrante:

no dia em que chegou a Portugal, o Andriy procurou o apartamento do Mikhailkov por indicação de um amigo russo que ficara em Korosten. Depois de esperar umas horas por que Mikhailkov voltasse das obras e o recebesse, saiu pelos cafés à procura de emprego. Levava um papel com a palavra trabalho escrita em português e o seu nome. Ninguém em Bragança lhe parecia dar ouvidos (...) saía, procurava luzes acesas, algum movimento pouco naquele início de noite da cidade, e persistia. Sem se explicar, o que esperava encontrar era um qualquer modo de ganhar dinheiro, convicto de que acabaria nas obras, como todos os outros, a cansar-se e a apressar-se consoante a impiedosa direcção de um português maldisposto. Mas, de café em café, a primeira oportunidade apareceu-lhe logo ali, naquela noite, como o sonho de vir para Portugal lhe teria dito, que em tal país haveria muito emprego, coisas de braços, porque os portugueses já não se queriam matar a fazer nada (Mãe, 2017, p. 65).

Essa crítica mais contundente ganha certo tom de humor na escolha do nome “portugal” para designar um cachorro sem pedigree e famélico, que depende da intervenção de outrem para sobreviver:

o Portugal andava por ali a emagrecer talvez de não gostar dos restos que eram resto de pouca coisa. e ela mandava-o para a casa da quitéria a ver se a miséria não dava ao animal, que não teria culpa de nada e era lamentável que se finasse de fome pelos cantos. encarava o cão e pensava que um dia lhe haveria de faltar. Vou faltar-te, pensava, e talvez morras de fome por mim como morro de fome por aquele maldito. o Portugal por vezes pressentia aqueles pensamentos e latia, ela dizia-lhe, cala-te, palerma, onde é que já se viu um país a ladrar (Mãe, 2017, p. 155).

A escolha dos nomes dos principais personagens também não é gratuita e auxilia na construção da crítica elaborada pelo autor. Ferreira teria possível origem espanhola, estaria relacionado à vila de

Herrera, situada no reino de Castela, atual Espanha, e remeteria a um lugar com abundância de ferro e, por extensão, de riqueza. Não por acaso é o senhor Ferreira o modelo de homem de posses, que teve acesso a uma educação refinada, o que o torna digno de admiração, apesar do modo cruel e violento com que trata Maria da Graça, sua diarista. Ekaterina é uma variante russa do nome Catarina, que significa *pura, casta e fiel*. Sasha tem origem grega e russa e representa *proteção e força*. Esses personagens, pais de Andriy, seriam a base, o que motivaria as ações deste. Andriy, por sua vez, é uma variação de Andrey (André), nome de origem grega que significa *másculo, viril, dotado de vigor físico*, características que se tornam absolutamente imprescindíveis para a sua estratégica transformação inicial em sujeito maquínico. Quitéria é um nome de origem ao mesmo tempo portuguesa e espanhola, o qual significa *aquela que tranquiliza, que acalma*, o que pode justificar o fato de ser ela que se torna o ponto de (re)equilíbrio e a que permite a ressubjetivização de Andriy. Augusto, nome de origem latina, cujo sentido é *sublime, majestoso*. Trata-se do marido de Maria da Graça, o qual se considera muito superior a esta, um dos motivos pelos quais o casamento malogra. Por fim, Maria da Graça é oriundo do hebraico e do grego e significa *soberrana, a que busca o auxílio divino*, o que se coaduna com os diversos sonhos dessa personagem com São Pedro e com a sua entrada no céu sempre dificultada por algum empecilho ou imprevisto.

Com o objetivo de compreender melhor como ocorre a recepção desse novo imigrante oriundo do leste europeu em Portugal, destacaremos o personagem Andriy, para mostrar, também, a percepção do próprio imigrante sobre a terra e sobre a gente estrangeira com a qual passa a conviver.

Andriy chega a Portugal sem emprego, mas com o contato de um russo, o Mikhalkov, com quem, inicialmente, iria morar, dividindo um pequeno apartamento de dois quartos com mais outros quatro

homens. Sem conhecer uma só palavra em língua portuguesa – o que, por si mesmo, já pode ser considerado um complicador de sua situação –, leva, escrita em português em um pedaço de papel, a palavra “trabalho”, juntamente com seu nome. Isso era tudo com que contava para arranjar um trabalho e sobreviver no país estrangeiro.

Diante de tantas adversidades, Andriy adota um comportamento que, se, por um lado, o distancia de quem ele é verdadeiramente e ainda mais das pessoas com quem convive, por outro, na sua concepção, acaba por torná-lo mais forte, para que não sucumba diante das dificuldades e dos próprios sentimentos de medo, de solidão e de não pertencimento, os quais são recorrentes entre todos os imigrantes, em maior ou menor proporção. Trata-se do desejo de tornar-se máquina, desprovida de emoções ou de quaisquer sentimentos que pudessem demovê-lo de seus propósitos:

ficava masculino, calado de chumbo a querer empedernir para secar todos os sentimentos. se pudesse, esquecia-se de ser emotivo, gostava de acreditar que a vida podia existir apenas como para uma máquina de trabalho perfeita, incumbida de uma tarefa muito definida, com erro reduzido e já previsto, e com isso atender ao mais certo objectivo, enviar algum dinheiro para a família na ucrânia, e nem pensar muito nisso e nunca dramatizar a questão. depositar o dinheiro, saber que seria levantado lá tão longe, e mais nada, pensar no acto como um ofício a mais, um item nos seus afazeres. retirar daí a felicidade das máquinas, uma espécie de contínuo funcionamento sem grandes avarias ou interrupções. a felicidade das máquinas, para não sentir senão através do alcance constante de cada meta, sempre tão definida e cumprida quanto seria de esperar de si (Mãe, 2017, p. 57-58).

Como, para Andriy, a terra estranha está associada à dureza, aos percalços por que passa o imigrante, há a necessidade de cultivar um

corpo bruto para “abrir caminho na ferocidade de um país alheio” (Mãe, 2017, p. 58); por isso mesmo, ao contrário do que o incentivara Mikhalkov, decidiu parar de beber, a fim de tornar-se mais próximo de seu ideal de sujeito maquínico:

o mikhalkov tinha-lhe dito que, no primeiro ano, à custa de não se poder falar, o melhor era beber a cada noite o suficiente para deixar de pensar nisso. não pensas, não falas, não queres falar. e o andriy passou também o seu ano calado à força e beber demasiado e adormecer quente de álcool. é importante perder a lucidez para não existir qualquer necessidade de se ser entendido, repetiu o mikhalkov (Mãe, 2017, p. 65).

Nesse processo de maquinização, cuidar do corpo torna-se imprescindível para Andriy ser capaz de, a despeito de tudo, manter o pensamento centrado em seu objetivo principal, qual seja, amealhar tudo o que puder, de modo que disponha de alguma reserva, para, em momento oportuno, poder voltar à própria terra, rever seus pais, reencontrar-se consigo mesmo, e esse projeto só poderá ser alcançado com a dedicação excessiva ao trabalho. Essa relação do imigrante com o trabalho foi descrita, de maneira bastante clara, por Julia Kristeva:

o estrangeiro é aquele que trabalha. Enquanto os nativos do mundo civilizado, dos países adiantados, acham o labor vulgar e assumem os ares aristocráticos da desenvoltura e do capricho (quando podem...), você reconhecerá o estrangeiro pelo fato de que *ainda* considera o trabalho como um valor. Certamente uma necessidade vital, o único meio da sua sobrevivência, que ele não coroa necessariamente de glória, mas reivindica simplesmente como um direito, grau zero da dignidade (Kristeva, 1994, p. 25).

Na concepção de Andriy, todo esse esforço estava associado não somente ao fato de ter de identificar-se com o masculino, com o trabalho, com a força física e mental e, em última instância, com a resistência, mas também significava que não se deveria deixar envolver por emoções ou por sentimentalidades amorosas, o que o leva a reiterar, constantemente, que sua relação com Quitéria existe apenas com base no sexo, sem qualquer envolvimento afetivo que pudesse, porventura, desviá-lo de seus propósitos no país estrangeiro. Dessa profusão de sentimentos complexos e confusos decorre, inclusive, o desprezo que, a princípio, demonstra sentir por Quitéria:

o andriy parava o pensamento na quitéria e pensava no que ela teria de reles empregada doméstica. depois repensava, uma doméstica estúpida que não tem consciência do que é lutar pela vida quando tudo o que resta é exactamente o estar vivo, e não ter mesmo mais nada. depois repensava, era uma estúpida e puta. porque sabia que ela recebia outros rapazes e não estava nada preocupada com conversas, era para o que iam lá os homens, cama e só. com isso, talvez se devesse sentir menos ofendido, depois de a ter desprezado e considerado indigna da sua companhia (Mãe, 2017, p. 59).

Andriy deixa claro que usa o corpo de Quitéria para satisfazer suas necessidades sexuais, como se, com isso, pudesse “recarregar a bateria” de seu corpo-máquina, a fim de prosseguir nos seus afazeres do cotidiano. A cada nova relação, age de maneira extremamente fria e impessoal, de modo a deixar evidente que não pretende estabelecer vínculos afetivos com o que quer que se referisse àquela terra estrangeira, na qual estaria apenas de passagem. Por sua vez, também tem consciência da atração que sua juventude e seu vigor físico provocam em Quitéria, do que se vale para tratá-la com mais desprezo ainda, conforme se depreende do momento em que ela resolve pedir

desculpas, por ter-se chateado com o fato de ele não ter sido capaz de corresponder aos anseios sexuais dela:

perversamente olhando a quitéria como aquela portuguesa ridícula que se humilharia para voltar a ter sexo com um jovem como ele. voltou a pegar na cadeira, seguiu caminho sem um sorriso e sem voltar a cabeça. incrivelmente eficiente no papel de quem não amava a quitéria e se portaria como uma máquina de trabalho a caminho da felicidade e mais nada (Mãe, 2017, p. 61).

Nessa busca, consciente, de um comportamento estruturante maquínico, Andriy mostra-se “perfeitamente adaptado” ou, ainda, subjugado à lógica de uma espécie de capitalismo tardio, ainda vigente depois de 1945, que tem, como prerrogativa, o trabalho à exaustão, com o fim de que se produza cada vez mais. Trata-se, dessa forma, de um processo de evidente inumanização do sujeito, o qual “sozinho, no país das flores, precisa substituir o sangue por óleo” (Mãe, 2017, p. 83-84).

Mais do que se transformar em máquina, Andriy, assim como poderia acontecer com qualquer um de seus colegas emigrados do leste europeu, vai-se convertendo em uma pessoa tomada por uma espécie de ódio, que, sem dúvida, tem origem na situação de vulnerabilidade em que se encontra, o qual transparece no modo como lida com as poucas pessoas com quem convive de maneira menos superficial, que são os trabalhadores braçais portugueses, no caso, as mulheres-a-dias, Quitéria e Maria da Graça. É como se, ao transferir esse ódio que sente – por ser humilhado como imigrante, por ganhar mal e por estar distante de sua pátria e de seus familiares – para as mulheres com quem se relaciona, ele pudesse, de alguma forma, descontar nelas tudo o que aquela terra estrangeira o estaria fazendo passar.

De acordo com Kristeva (1994), “viver o ódio” significa formular a própria existência, no sentido de ser essa a maneira que o imigrante, no seu universo de defensivas, encontra de constituir a própria imagem, ou, ainda, a persona que precisa adotar na lida com o outro, durante o seu cotidiano comezinho. A presença do ódio pelo outro opõe-se a tudo aquilo que o caracteriza como estrangeiro: ausência, solidão e falta.

Nessa relação entre o sujeito e o mundo externo (outro), que também pode ser entendida como a relação entre a constituição da identidade pelo confronto com a alteridade, em que o sujeito procura autopreservar-se, Sigmund Freud ensina-nos que:

o ódio, enquanto relação com objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. Enquanto expressão da reação do desprazer evocado por objetos, sempre permanece numa relação íntima com os instintos autopreservativos, de modo que os instintos sexuais e os do ego possam prontamente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio (Freud, 1996 [1915], p. 143-144).

Apesar de defender que amor e ódio constituem sentimentos ambivalentes, os quais, por vezes, se encontram imbricados nas relações humanas, Freud (1996 [1930]) coloca o amor como algo muito precioso, que deve ser destinado a alguém especial, que, de fato, mereça esse sentimento. Por esse motivo, o mandamento “Ama teu próximo como a ti mesmo”, uma das reivindicações máximas do cristianismo e prerrogativa do ideal de sociedade civilizada, causa-lhe, no mínimo, estranhamento. Ama-se o outro, apenas se for possível identificar nele semelhança com o que se é ou com o que se deseja ser. Nesse sentido, destina-se ao desconhecido, quando muito, uma espécie de amor universal, uma parcela mínima desse sentimento que pode

ser destinada a esse outro apenas porque ele vive na Terra. Sobre a relação com esse desconhecido, afirma Freud:

esse desconhecido não apenas não é digno de amor em geral; tenho de confessar, honestamente, que ele tem mais direito à minha hostilidade, até ao meu ódio. Ele não parece ter qualquer amor a mim, não me demonstra a menor consideração. Quando lhe traz vantagem, não hesita em me prejudicar, não se perguntando mesmo se o grau de sua vantagem corresponde à magnitude do dano que me faz. Mais até, ele não precisa sequer ter vantagem nisso; quando pode satisfazer um prazer qualquer com isso, não se incomoda em zombar de mim, em me ofender, me caluniar, exhibir seu poder, e quanto mais seguro ele se sentir, mais desamparado estarei eu, mais seguramente é de esperar essa sua conduta para comigo (Freud, 1996 [1930], p. 47).

Esse é o sentimento que Andriy experimenta como imigrante ucraniano em Portugal e é também o que ele, em alguma medida, devolve, no caso, à Quitéria, uma das poucas pessoas com quem se relaciona no país estrangeiro, apesar das dificuldades impostas pelas diferenças culturais e, em especial, pela língua tão diferente, que, além de silenciar o imigrante, o torna invisibilizado na terra estranha, desprovido de direitos, de amigos, de lugar de fala, “tão reduzido à sobrevivência, apenas um animal a precisar de respirar” (Mãe, 2017, p. 44).

Para compreendermos esses sentimentos complexos de Andriy por meio de outra perspectiva, podemos recorrer ao conceito de “imaginação material”, de Gaston Bachelard (2013b), que seria organizado com base nos elementos água, fogo, terra e ar, os quais se configuram como paradigmas dos sentimentos humanos mais primitivos, como o ódio e o amor. A imaginação seria, para o filósofo francês, fundamental no desenvolvimento da capacidade de formular imagens

que ultrapassem a realidade, de modo a deformá-la, pois é por meio da imaginação que se inventa nova vida, nova realidade, recriando-a, desestabilizando-a, ou, ainda, tornando essa realidade mais aprazível, por parecer menos hostil. Nesse sentido, “sob muitos aspectos, pode-se mesmo definir o caráter (*do imigrante*) como um sistema de defesa do indivíduo contra a sociedade, como um processo de oposição a uma sociedade” (Bachelard, 2013b, p. 23, grifo nosso).

Em seus estudos sobre os sonhos e a imaginação, Bachelard adverte que estes dependem dos quatro elementos, aos quais dedica 5 volumes, sendo um para a água (*A água e os sonhos*, 1942), um para o fogo (*A psicanálise do fogo*, 1938), um para o ar (*O ar e os sonhos*, 1943) e dois para a terra (*A terra e os devaneios da vontade*, 1948, e *A terra e os devaneios do repouso*, 1948). No primeiro volume sobre a terra, destaca o aspecto mais agressivo desta e vincula-o à ação e à vontade do homem; no segundo, ressalta elementos mais amenos, como o enraizamento, o repouso e a afetividade. Quando nos valemos dessa teorização para analisarmos o romance *O apocalipse dos trabalhadores*, verificamos que a trajetória de Andriy pode ser identificada tanto com a metáfora da terra como repouso, em que surgem imagens da casa e da terra natal, em que sonhar e devanear com esta podem levar o homem a serenar, a descansar, sentimento que poderá ser identificado num segundo momento da narrativa, quanto com a perspectiva da terra como vontade e dureza excessiva, a qual remete ao desejo inicial de Andriy de transformar-se em máquina, a fim de escapar ao sofrimento.

A necessidade de frieza e de distanciamento das emoções funciona como uma espécie de blindagem, de reação à vida hostil a que se encontra submetido na condição de imigrante, além de evitar a excessiva tristeza decorrente da saudade que tem dos pais. Assim sendo, a indiferença é a sua forma de permanecer como máquina, de distanciar-se da perspectiva da terra como repouso, conforme teorização

de Bachelard, ou, ainda, como adverte Kristeva: “a indiferença é a capaça do estrangeiro: insensível, distante, no fundo ele parece fora do alcance das agressões que, contudo, sente com a vulnerabilidade de uma medusa” (Kristeva, 1994, p. 15).

Giorgio Agamben (2009), ao retomar o conceito de dispositivo elaborado por Michel Foucault (2000), destaca o fato de a contemporaneidade ser marcada pelo apagamento do sujeito, o qual passa a existir por meio de uma espécie de representação de si. Essa despersonalização do sujeito seria proporcional à ascensão dos dispositivos, os quais são definidos por Foucault como:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Com base na análise do conceito de dispositivo foucaultiano, Agamben conclui que absolutamente tudo capaz de controlar as ações ou os discursos do sujeito pode ser considerado dispositivo, inclusive a própria linguagem, a qual, para o filósofo italiano, seria, possivelmente, o mais antigo dos dispositivos. Em sua abordagem, distingue o que estaria relacionado à subjetividade, ao ser, e o que pertenceria ao âmbito da objetividade, a *práxis*. Os dispositivos são associados por ele a esta, por terem “a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (Agamben, 2009, p. 40), de modo que não existiria subjetividade que não fosse, de alguma forma, cooptada pelos dispositivos. Nesse sentido, o sujeito seria resultante da relação entre os seres vivos e os dispositivos oferecidos pelo mundo externo, e a sua existência só

se tornaria possível “de forma larvar e, por assim dizer, espectral” (Agamben, 2009, p. 47).

Em *O apocalipse dos trabalhadores*, esse dispositivo que deflagra o processo de dessubjetivação de Andriy não é eletrônico ou relacionado à tecnologia, mas é o trabalho excessivo, que, embora seja absolutamente imprescindível para garantir a própria sobrevivência e a de seus pais, acaba por promover a alienação do referido personagem, transformado, inicialmente, em máquina.

Sabemos, entretanto, que essa indiferença ou essa maquinização do personagem Andriy, transformado em sujeito espectral pela adoção do trabalho como dispositivo, à medida que a narrativa avança, vai perdendo a força e a razão de ser, em decorrência, principalmente, da ausência de notícias dos pais, a qual provoca sentimentos, como medo, insegurança e tristeza, que, aos poucos, o reaproximam de sua humanidade. Em razão disso, o projeto de conformação de um sujeito maquínico malogra, e Quitéria, sem dúvida, é fundamental nessa re-humanização de Andriy, não só pelo sentimento que destina a ele, mas também pela empatia com o sofrimento e com a angústia de Andriy, a qual é insuflada pelo fato de não saber se os pais continuam vivos e em segurança.

Ao decidir disponibilizar suas economias para ir junto com Andriy à Ucrânia, Quitéria desloca essa percepção do outro como inimigo, que ocorre tanto de sua parte em relação ao imigrante ucraniano quanto deste em relação a ela, como representante daquela pátria que não o acolheu, mas que apenas o explorou. Retomando a teorização de Bachelard, a dureza e a indiferença maquínicas, relacionadas à experiência da terra como vontade, são substituídas, paulatinamente, pela percepção da terra como repouso, como meio de reconciliação com a própria humanidade, no caso de Andriy. O ódio, em alguma medida, é vencido pelo afeto.

É interessante observar no romance que essa função humanizadora é atribuída à mulher, àquela que é capaz de gerar, de proteger, de cuidar, de prescindir das próprias necessidades para partilhar com o outro os sonhos que este traz em seu íntimo. Não é de estranhar que essa deferência à mulher apareça em uma narrativa criada por alguém que escolheu incluir no próprio nome artístico a palavra Mãe, como se fosse sobrenome, para representar a matriz, a origem de todas as pessoas.

[...] a ficção não é minha vida, minha vida não é ficcional, é real, e por isso, a ficção é sempre uma proposta de entendimento do que o outro é. E na extremidade do outro, ou seja, na extremidade de mim, está exatamente a mãe [...] mãe é o polo mais extremo de mim. O ponto mais afastado de mim. E por isso é essa, exatamente, a minha ansiedade, de poder, enquanto escritor, usar o texto para entender toda a amplitude do que é o ser humano (Valter [...], 2016, 8 min 56 s).

Para além do estilo inovador com que, desde o início do romance, Valter Hugo Mãe arrebatou a atenção de seus leitores para temas de extrema relevância na sociedade contemporânea, como a exploração dos imigrantes em Portugal, a pouca ou nenhuma importância atribuída aos trabalhadores, sobretudo os mais humildes, a desigualdade social, a violência contra a mulher e, até mesmo, o suicídio, sem dúvida, a sensibilidade com a qual esses temas são abordados é um ponto de destaque em *O apocalipse dos trabalhadores*.

A descrição da trajetória do personagem Andriy leva o leitor a refletir sobre como situações de extrema opressão podem promover uma evidente des-humanização do sujeito, um embrutecimento que chega ao ápice com a própria transformação em dispositivo, em máquina, desprovida de emoções e movida apenas pelo ódio, com o qual se pretende garantir apenas a sobrevivência. Esse estado de su-

jeito maquínico só será reconduzido à condição de humanidade por meio da superposição do ódio pelo afeto.

RECEBIDO: 09/12/2025

APROVADO: 17/01/2026

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é o dispositivo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-51.

ALMEIDA, Daniella. Saiba como nova lei dos estrangeiros afeta brasileiros em Portugal. *Agência Brasil*, Brasília (DF), 23 out. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-10/saiba-como-nova-lei-dos-estrangeiros-afeta-brasileiros-em-portugal> Acesso em: 20 jan. 2026.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013a.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013b.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

EMBAIXADA DA UCRÂNIA NA REPÚBLICA PORTUGUESA. Informação sobre a comunidade ucraniana em Portugal. *Embaixada da Ucrânia na República Portuguesa*, Portugal, 01 jan. 2026. Disponível em: <https://portugal.mfa.gov.ua/pt/partnership/240-ukrajinci-u-portugaliji/informaciya-pro-ukrayinsku-gromadu-v-portugaliiyi> Acesso em: 20 jan. 2026.

FIDALGO, Helena. “Mães de Bragança” acusam brasileiras de provocar “onda de loucura” na cidade. *Público*, Portugal, 01 maio 2003. Disponível em: <https://www.publico.pt/2003/05/01/jornal/maes-de-braganca-acusam-brasileiras-de-provocar-onda-de-loucura-na-cidade-200790>. Acesso em: 12 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. *In*: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243-257.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1930]. v. XXI, p. 66-148.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1915]. v. XIV, p. 137-162.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MÃE, Valter Hugo. *O apocalipse dos trabalhadores*. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MÃE, Valter Hugo. Entrevista à RTP arquivos, no programa A força das coisas. *RTP Arquivos*, Portugal, 11 jul. 2008. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-valter-hugo-mae/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

MÃE, Valter Hugo. Prostituição brasileira em Bragança faz capa da “Time”. *Público*, Portugal, 14 out. 2003. Disponível em: <https://www.publico.pt/2003/10/14/sociedade/noticia/prostituicao-brasileira-em-braganca-faz-capa-da-time-1170625>. Acesso em: 05 jan. 2025.

VALTER Hugo Mãe – 06/01/2014. [S. l.: s. n.]. 2015. 1 vídeo (1 h 23 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6i67t4CZRew>. Acesso em: 30 mar. 2025.

VALTER Hugo Mãe: a pureza não é tão interessante assim. [S. l.: s. n.], 13 out. 2016a. 1 vídeo (8 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IXSpuubI_VE. Acesso em: 23 mar. 2025.

VALTER Hugo Mãe no programa do Jô. [S. l.: s. n.], 16 nov. 2016b. 1 vídeo (20 min). Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVlt8cmK9R8>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MINICURRÍCULO

ADRIANA GIRÃO CAMPITI BRAGA possui Graduação em Português e Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com Especialização em Literatura Portuguesa pela mesma instituição. Mestra em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal Fluminense (UFF), instituição na qual, atualmente, é doutoranda em Literatura Comparada. Prepara para a Carreira Diplomática há cerca de 25 anos, no Curso Campiti Braga Educação e Mídia Ltda.